

FICHA DE LEITURA

Subsídio para estudo
Professor Sandro Luiz Bazzanella
sandroluizbazzanella@gmail.com

ROMILLY, Jacqueline de. **A tragédia grega.** Tradução de Ivo Martinazzo. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

	Introdução – A tragédia e os gregos
P. 7 Tragédia Emoção Reflexão	A tragédia grega apresentava, por meio da linguagem diretamente acessível da emoção, uma reflexão sobre o homem. (...), é pro isso que, em épocas de crise e de renovação como a nossa sentimos a necessidade de um retorno àquela forma inicial do gênero.
P. 8 Tragédia e suas obras	A tragédia grega, com sua safra de obras primas, durou ao todo oitenta anos. Em uma relação que não pode ser causal, esses oitenta anos correspondem exatamente ao período da expansão política de Atenas.
P. 09 Declínio.	O ápice da tragédia terminou ao mesmo tempo em que acabava a grandeza de Atenas.
	Cap. 01 – O Gênero Trágico A origem da tragédia – Dionísio e Atenas.
P. 13	(...) a tragédia grega tem uma origem religiosa.
P. 14	(...) ditirambo (canto oral em louvor a Dionísio).
P. 14	(...) certa presença do sagrado, que se reflete no próprio jogo de vida e morte.
P. 16	(...) a tragédia apresenta-se, desde o princípio, associada à atividade cívica.
	Traços do culto e da epopéia.
P. 20 Mitos epopéia.	(...), a tragédia esta geralmente ligada aos mesmos mitos da epopéia: a Guerra de Tróia, as explorações de Hércules, as desgraças de Édipo e sua família.
P. 21 Sentido vida.	Conferir o sentido da vida, inspirar terror e piedade, partilhar um sofrimento ou ansiedade forma sempre traços da epopéia, que ela ensinou aos trágicos.
P. 21 Tangível e Temível.	Na tragédia tudo se revela aos olhos, real, próximo, imediato. Em tudo se crê, tudo se teme. (...) a força da tragédia reside no fato de ela ser tão tangível e terrível.
P. 22	Tragédia (...) dupla função, religiosa e nacional.
P. 23	Cada tragédia assume um valor religioso.
	A estrutura da trágica → O coro

	<p>→ Os personagens.</p>
P. 35 Tragédia golpe cruel dos deuses.	(...) uma tragédia resultante de algum golpe cruel dos deuses, que levava um coro angustiado a interrogar-se, em grande temor, o interesse passou centrar-se sobre o que eram e o que faziam os homens. A tragédia começou a mostrá-los em luta com os acontecimentos que recusavam ou impunham.
P. 35 Sofrimento	(...) figuras engrandecidas pelo sofrimento e pela coragem – engrandecidos pela tragédia.
	<p>→ A ação</p> <p>Cap. 2 – Ésquilo ou a tragédia da justiça divina</p>
P. 49 Grandes crises Algo coletivo.	(...) a idéia de que as grandes crises tem algo de coletivo (...). com relação aos deuses e aos homens, estes são efetivamente os traços mais originais do pensamento de Ésquilo.
	a) O lado divino
P. 50 Mundo que aspira à ordem Mistério/medo.	Os deuses encontram-se em toda a parte no mundo de Ésquilo. E a justiça divina, igualmente, está em toda parte. Isso não significa que se trate de um mundo em ordem. É muito mais um mundo que aspira à ordem, mas que se move no mistério e no medo.
P. 50 Angústia, terror, mistério Justiça.	Mas, por meio da angústia e do temor, pelo mistério em que se envolve o sagrado, uma mesma fé apresenta-se em toda a parte, tentando reconhecer nessas forças terríveis os traços, os sinais, os marcos de uma justiça superior, que é simplesmente mal compreendida.
P. 52 Ruína/deuses.	(...), “quando um mortal se empenha na sua própria ruína os deuses vêm para ajudá-lo.
P. 52 Pavor Consciência.	(...) pavor diante do poder dos deuses. Este poder, sem jamais agir ao acaso, parece bastante severo para que a obscura consciência da culpa se junte, aos nossos olhos, ao horror da impotência.
P. 54 Justiça.	(...) conceito de justiça e de seus caminhos impenetráveis (...) dos deuses que tudo podem, e dos homens que tudo arriscam.
P. 57 Desordem e ordem.	(...). É também próprio do seu modo de ser não se contentar com um otimismo simplista, mas procurar na aparente desordem do mundo, os sinais de uma ordem.
P. 57 Justiça e tempo	(...), Ésquilo parece sugerir que, mesmo junto aos deuses, a justiça é fruto do tempo.
P. 59 Destino Inevitável.	(...) destino (...) dimensão trágica de um sentimento duplo: ele era inevitável e, por outro lado, foi o resultado de uma série de erros humanos, subitamente valorizados pelo capricho divino.
P. 59 Justiça divina	(...), a justiça divina, sucessivamente temida, esperada e depois roçada e humanizada (...). Ela confere a cada evento uma dimensão superior e dá a cada

Dimensão superior.	gesto um prolongamento carregado de sentido. Cada acontecimento insere-se numa série maior, ligado a uma vontade transcendente.
P. 60 Forças em ação Além homem Atos humanos Trama	(...) Ésquilo insiste em mostrar que, por trás dos homens, existem grandes forças em ação. Estas forças ultrapassam-nos, dominam, mesmo que eles não tenham consciência disso. Portanto, os atos dos homens são intencionais, e por eles cumpridos; mas configuram, sem que eles saibam, uma trama cujo princípio lhes escapa, e que pode, a cada instante, levá-los à perdição.
	O lado humano
P. 60 Justiça divina.	A idéia da justiça divina pressupõe, em si, que os homens sejam responsáveis pelos seus atos.
P. 61 Vida homens.	No total, a obra de Ésquilo concentra-se nos problemas da vida dos homens – a guerra e a paz.
P. 62 Horrores.	Poder-se-iam recolher facilmente, em toda a obra de Ésquilo descrições agudas dos horrores ou das misérias da guerra.
P. 66 Respeito pela vida Pela cidade.	(...) o que toda as peças exigem é o respeito pela vida, o respeito pelo povo. E em todos os mitos em que ele baseia os temas épicos – mitos que só falavam de famílias, de estirpes ou de homens – ele introduz essa personagem coletiva que é a cidade (...).
P. 67 Amor pela cidade/ordem.	Amor pela cidade, proteção à cidade, preocupação com consultá-la: por meio dessas imagens, reais ou divinas, impõe-se o ideal de Ésquilo. (...) um ideal fundado sobre a conciliação, mas tendendo sempre para a ordem.
P. 68	(...), a ofensa aos deuses e a ofensa á cidade são os dois lados de um só pecado.
P. 68 Ação humana prolonga-se Ecos Relações misteriosas Tempo.	O resultado é que toda ação humana se prolonga, e desperta uma série de ecos que lhe conferem gravidade e seus alcance trágico. Com efeito, neste mundo de relações misteriosas, o gesto do homem que faz derramar sangue já não se limita ao seu horizonte pessoal ou familiar, mas estende-se ao domínio do sagrado, onde tudo é avaliado em termos de erros e castigos. Estende-se também no tempo (...) homem com um peã na seqüência das gerações de sua raça.
	Cap. 3 – Sófocles ou a Tragédia do herói solitário
P. 72 Homem no cento de tudo Obrigações.	(...) Ele coloca, (...), o homem no centro de tudo, e entremeia suas tragédias com obrigações conflitantes e debates sobre condutas. Ele acredita na importância do homem e na sua grandeza. (...), o trágico de Sófocles é, antes de tudo, função do ideal humano obedecido por seus heróis.
	O contraste dos deveres
P. 72 Sófocles.	(...), nenhuma das peças conservadas de Sófocles deixa de apresentar um problema de ordem ética, com toda a sua força, encarnada no personagens.
P. 74 Creonte	(...), os princípios de Creonte giram em torno da cidade da dedicação que ela exige (...). os princípios que animam Antígona são bem diferentes. As únicas

Antígona Leis/moral.	leis que ela conhece são os grandes princípios morais, assegurados pelos deuses.
P. 77 Conflitos.	(...) um conflito de esperanças e de vontades, onde o homem se debate. (...) confrontes entre direitos, princípios e vontades.
P. 79 Sófocles Testemunho privilegiado da evolução moral Evolução social Atenas.	Sófocles (...), é o testemunho privilegiado da evolução moral que, em Atenas, havia acompanhado a evolução social e que fragmentava as noções em diversos aspectos. A velha moral aristocrática devia ser pensada á luz da razão. Entre a honra pessoal e o dever de proteger os seus, entre a honra reconhecida publicamente e o sentimento do que se é devido, entre os direitos dos deuses e os do Estado, abriam-se abismos, surgiram conflitos, e operavam-se tomadas de consciência.
P. 79 Homem juiz.	(...) na obra de Sófocles (...) um mundo novo (...) ideal que exigia do homem, incessantemente, tornando-o sempre mais o juiz único de seus deveres.
P. 80 Grandeza na solidão.	O fato de que ele só atingia essa grandeza na solidão de que ele seja rejeitado pelos outros homens e enganado pelos deuses, nada disso evidentemente o diminui: ao contrário, tal circunstância confere à grandeza ao caráter trágico.
A solidão do herói	
P. 80 Solidão moral.	Antígona está, portanto, só. E mais do que isso, ela parece destinada a uma solidão moral: ninguém a compreende.
P. 81 Destino reservado Sofrimento.	(...) É o destino que lhe foi reservado. Ela que deverá ser emparedada viva num lugar deserto, já está, entre os seus, abandonada por todos. (...) o sofrimento que nasce desta solidão representa ao mesmo tempo a condição e a consequência da coragem heróica: ela é o reverso da grandeza
P. 82 Ambivalência	(...) ambivalência (...) todos os heróis são mais valentes que o natural; e todos se debatem na solidão que o heroísmo exige.
P. 85 Solidão Deuses/homens	(...) ao lado trágico da solidão entre os homens, Sófocles acrescenta um outro, que não nasce da relação entre os homens mas sim da relação entre os heróis e os deuses.
O herói e os deuses	
P. 85 Divino.	Sófocles (...), tinha o sentimento profundo da majestade divina. No teatro os deuses revelam-se à parte, alheios, acima da imperfeição e do tempo.
P. 85 Luminosidade do absoluto Regras divinas e humanas Beleza.	Tudo o que parte desses deuses, ou se relaciona com eles, tinge-se constantemente com essa luminosidade do absoluto. Por isso, as regras morais que reivindicam uma ordem divina revestem-se, quando comparadas às regras humanas, de um valor intangível, que lhes confere prioridade sobre todo o resto. (...) realça essa negação do tempo e da mudança, que constitui, (...), a beleza da ordem divina.
P. 86 Homem Instabilidade	A devoção grega (...). Os deuses representam a luz, a perenidade, a serenidade. O homem, ao contrário, é dado à instabilidade, vive sem pensar no amanhã, ele é “efêmero” (...).

Efemeridade Fragilidade.	Entre os homens, tudo é incerto e frágil. Sua vida é feita de alternâncias, tudo muda, tudo passa.
P. 87	(...) “nada existe que o tempo todo poderoso não faça desaparecer”.
P. 88 Tudo muda Tempo Sombra.	(...) Ájax, esquivando-se de seu mundo, proclama que tudo muda, e que ele também mudará. Ele faz menção ao tempo, que “no seu longo e interminável curso revela o que permanecia na sombra, da mesma forma como esconde o que lhe brilhava à luz do dia”.
P. 88 Escolhas e destinos.	Mesmo sendo senhores de suas escolhas, eles não são senhores dos seus destinos, sendo dias, os primeiro a sofrer seus contragolpes. Tais golpes são a marca da condição humana, à qual somente os deuses escapam.
P. 90 Jogo entre homens e deuses.	Esse jogo entre o homem e os deuses, marcado por oráculos prontos a semear o erro, é sabidamente a idéia-mestra do Édipo-rei. (...), a inteira dramaturgia de Sófocles repousa sobre a idéia de que o homem é o brinquedo daquilo que se poderia chamar a ironia do destino.
P. 91 Jogo Surpresa.	(...) teatro de Sófocles, com seus contrastes fortemente acentuados, simboliza, (...), a idéia da debilidade humana e da ironia do destino. (...). O homem nada sabe. Ele jogo às cegas um jogo feito de surpresas, quase sempre perversas.
P. 92 Ironia trágica Duplo sentido Ignorância dos homens.	(...) ironia trágica o fato de um personagem utilizar-se de fórmulas de duplo sentido, que o seu interlocutor não está em condições de compreender, mas que podem ser percebidas pelo seu espectador. (...); ela não implica que um ludibrie o outro, sua vítima, ela ilustra apenas a ignorância dos homens, enganados pelos próprios deuses.
P. 93 Sombras.	(...) Ulisses, (...) “Bem vejo o que nós somos, todos nós que vivemos aqui, nada mais do que fantasmas, ou sombras evanescentes.
P. 97 Destino Realidade Foge ao poder do homem Inutilidade das causas.	(...), quando os gregos falavam do destino, referiam-se sobretudo à realidade, na medida em que ela escapa ao poder do homem. (...) o destino é encarregado sob o ângulo da ignorância humana; ele procura menos as causas, demonstrando muito mais a inutilidade de procurá-las. Dessa forma, se explica que a soberania do destino não venha acompanhada, necessariamente, de revolta. Ao contrário, o conhecimento da fraqueza humana, na obra de Sófocles, dá lugar a uma confiança dupla, no homem e nos deuses.
P. 97 Destino Deixar as coisas correrem Isolar-se.	Não sendo o destino uma condenação deliberada o homem não precisa convencer-se de que nada tem a fazer, senão deixar as coisas correrem. O que lhe acontece constitui uma provação; mas ele ainda pode definir seu próprio valor, pela forma como reage a ela. Na adversidade, ele pode escolher a via mais elevada (...). E se nada há mais para esperar, resta ainda a grande dignidade de isolar-se deliberadamente do mundo.
P. 97- Sombra e Vida	(...) Quando a vida se tornou demasiadamente sombria, não há mais alegria a não ser na escuridão.
P. 99 Admirar o homem e a	(...), o teatro de Sófocles faz-nos admirar o homem e amar a vida. Nele admiramos o homem na pessoa do herói, que conduz a coragem a tal extremo; nele amamos a vida, onde cada um se esforça por fazer o melhor que

vida.	pode.
	Eurípedes ou a tragédia das paixões.
P. 102 Destino parece zombar dos homens Crueldade.	(...), seu teatro é desconcertante em função de suas mil facetas, com seus variados reflexos. Ele evoca a política com suas lutas do dia-a-dia; ele condena, discute, protesta. (...), o mundo que ele evoca nada tem daquela ordem pela qual suspiram Ésquilo e Sófocles (...). Nesse mundo em que se ousa criticar os deuses, (...) sob sua forma lendária, o destino parece zombar dos homens, com uma crueldade que Eurípedes gosta de expor
	O teatro e a cidade
P. 103 Eco aos problemas.	Eurípedes (...), não hesita em escrever peças de orientação política, ou então em introduzir nas peças não políticas cenas (...) que repercutem sobre todo o resto, numa espécie de eco aos problemas então em voga.
P. 106 Guerra	(...) a grande calamidade da guerra foi para Eurípedes uma rica fonte de inspiração.
P. 107 Vencedores.	(...) O luto da guerra é mais cruel para os vencidos mas ele atinge também os vencedores.
P. 109 Sentido hist.	(...). Não existe nem ideal patriótico nem esperança no sentido da história, para compensar toda a amargura.
P. 110 Guerra Ação Vidas Paixões.	(...), a guerra e seus problemas, quando não estão no centro da ação, servem-lhe muitas vezes de pano de fundo. Transtornando completamente as vidas, ela expõe as paixões, atrai as vinganças, abre a porta as intrigas. (...), os problemas políticos, na obra de Eurípedes, encontram-se inextricavelmente misturados com todos os dramas do sentimento.
	Humanos muito humanos
P. 110 Vida quotidiana.	(...) as tragédias de Eurípedes estão próximas da realidade do seu tempo. Próximas dessa realidade estão também os seus personagens. (...) mergulhar seus personagens numa vida cotidiana sem lances espetaculares.
P. 111 Homem e paixões.	(...). Os heróis de Eurípedes são postos à prova por todas as fraquezas humanas. (...). Eurípedes foi o primeiro a representar o homem preso a suas paixões e a tentar descrever os seus efeitos.
P. 114 Confrontos	(...), a paixão da obra de Eurípedes caracteriza-se também por confrontos verbais, ao mesmo tempo ardentes e lúcidos.
P. 115 Paixão e os recursos humanos.	(...) a paixão mobiliza todos os recursos do homem. (...). Uma das maiores descobertas de Eurípedes foi reconhecer que o campo de sentimento é o campo do irracional, e os homens que a ele se abandonam podem estar sujeitos a reviravoltas bruscas.
P. 117 Medos e desejos	Os personagens de Eurípedes, (...), obedecem aos impulsos diversos da sua sensibilidade: não agem em função de um ideal claramente definido, mas sim movidos por medos e desejos.

	<p>Os jogos de sorte e de os jogos dos deuses.</p>
P. 124 Filósofo.	Eurípedes (...) é um poeta filósofo, cheio de idéias novas e que deve ao seu meio intelectual o hábito de questionar tudo.
P. 127 Deuses	(...) racionalismo crítico de Eurípedes (...) os deuses deixavam de ser para ele os responsáveis, sempre presentes, por tudo o que acontece no mundo.
P. 132 Deuses Misérias humanas Sentido?	A mais religiosa de todas as tragédias de Eurípedes projeta assim uma luz bastante sombria sobre a filosofia do autor. (...) os deuses que vemos em ação, quando não são um simples símbolo dos sentimentos humanos, reproduzem sua paixão da maneira mais extremada. Eles aumentam, portanto, o campo das misérias humanas, sem contudo dar-lhes o menor sentido.
	<p>Inovação e decadência</p>
P. 136	(...), a tragédia grega morreu, quando se cortou o laço que a ligava à sua cidade.
	<p>Conclusão – A tragédia e o trágico.</p>
P. 138 Tragédia.	(...) componentes da tragédia (...) duas fontes de inspiração (...) o passado e a atualidade política.
	<p>Mito e psicanálise</p>
P. 138 Crueldade Escândalo Relações Elementares.	Os mitos gregos, em que se inspiravam as tragédias, são carregados de horror, e afetam os laços primários entre os homens. (...) insistem (...) na crueldade e no escândalo destes crimes contra a natureza. (...) crimes mais monstruosos: as pessoas se matam entre irmãos, esposos, pais e filhos; e assim as relações familiares mais elementares são questionadas.
P. 141 Tragédia.	A tragédia, com efeito, não é o mito. Ela é obra de poetas, que deliberadamente transpuseram o mito, para nele inserir um sentido pessoal.
P. 142 Emoções.	(...), as tragédias gregas, tratam de temas que envolvem emoções essenciais do homem.
	<p>Atualidade e engajamento</p>
P. 143 Temas trágicos Eram públicos Cidade.	(...), os temas trágicos são freqüentemente (...) desenvolvidos de maneira que a peça, (...) convida o espectador a uma aproximação com o presente. O caráter nacional e coletivo da representação favorecia essa tendência. (...), os atenienses participavam da vida pública muito mais do que podemos imaginar.
P. 144 Problemas.	(...), o mito era evocado de uma forma e em termos diretamente relacionados com as emoções e com os problemas do momento.
P. 145 Poetas cidadãos Participação.	Aqueles poetas eram efetivamente, cidadãos. Viviam engajados, porque o próprio estatuto da cidade implicava uma participação constante e profunda. (...) sua obra como poetas consistia, (...), em transcender esses interesses imediatos, e em transpô-los até o nível dos interesses humanos.

P. 146 Segredo atemporal.	(...). Uma literatura engajada implica o desejo de aproximar-se, tanto quanto possível, ao presente – enquanto a tragédia grega, embora dele se nutra, se esforça constantemente em extrair-lhe o segredo atemporal.
P. 147 Tragédia Política Mitos.	(...), a tragédia grega adquire uma ressonância particular, pelo fato de ter mantido um contato constante com as realidades coletivas da vida política, enquanto se revestia também de uma força mais austera, por ter conservado a ligação com os mitos originais.
P. 147 Grandeza.	A sua real grandeza procede da interpretação humana dada aos males que ela evoca.
O Trágico e a Fatalidade	
P. 147 Trágico e a condição humana.	Qual é então o enfoque trágico? (...), ele pressupõe um “drama sério, atingindo alguns dos problemas fundamentais da condição humana”. (...) causas que ultrapassam o caso individual, que os tornem necessários em virtude de circunstâncias impostas ao homem.
P. 147 Evitar?	(...) o homem não é capaz, por mais que se esforce de evitar um destino que ele se recusa aceitar.
P. 148 Testemunho do homem.	(...). A tragédia grega sempre dá um testemunho sobre o homem em geral, (...), essa noção dos limites inerentes à condição humana estava sempre presente na tragédia grega.
P. 148 Decidem.	(...) fatalidade. (...) a tragédia grega não se cansa de apontar além do homem, forças divinas ou abstratas que decidem seu destino, e decidem sem apelação.
P. 149 Destino.	(...) na obra de Sófocles. O destino, (...), não deixa, nem por isso, de ser soberano.
P. 149 Destino.	(...) no teatro de Eurípedes (...). Nenhum destino impele Medeia a matar seus filhos, mas tantas são as forças que pesam sobre ela.
Pg. 150 Veredito divino vontades.	Um dos traços mais marcantes do pensamento grego e, com efeito, a possibilidade de explicar todo o acontecimento em dois planos simultâneos, e por meio de uma dupla causalidade, que se combina ou se sobrepõe. (...) veredito divino (...) vontades humanas (...).
P. 151 Fatalidade Responsabilid// Humana.	Nada acontece sem a vontade de um deus; mas nada tampouco acontece sem que o homem participe e se engaje. O divino e o humano combinam-se, sobrepõem-se. (...), a fatalidade grega não elimina a responsabilidade humana (...).
P. 151 Homem senhor de si.	(...) onde o destino parece reinar absoluto, ele não envolve qualquer espécie de abdições por parte do homem. (...) presa do impasse trágico, permanece sempre o senhor da sua própria reação.
P. 152 Tragédia e a natureza das questões	A tragédia defini-se muito mais pela natureza das questões que levanta do que pelo tipo de respostas que oferece. E o trágico consiste em medir a sorte do homem em geral, em função de desgraças individuais, muitas vezes excepcionais.

<p>P. 152 Nada tem sentido ???</p> <p>P. 152 Afirmação do homem. Ação conseqüências</p> <p>P. 153 Condição hum.</p> <p>P. 156 Tragédia Aposta no homem.</p>	<p>O trágico e o absurdo</p> <p>A idéia dos sofrimentos reservados ao homem (...) desprovido de ordem e de sentido. (...) risco de cair numa atitude pessimista, tendendo-se a acreditar que nada tem sentido.</p> <p>Construída em torno de um ato a ser cumprido, a tragédia envolve uma afirmação do homem. A palavra drama que dizer ação, pois na tragédia luta-se, tenta-se fazer o que se deve. E tudo o que se faz, seja o bem ou mal, acarreta sérias conseqüências.</p> <p>(...) as desgraças apresentadas nas peças resultam, aparentemente, muito mais da condição humana do que da perversidade das vítimas (...).</p> <p>Esta fé no homem, que ilumina, a partir do interior, todas as tragédias, mesmo as mais sombrias, corresponde perfeitamente ao espírito grego do século V a.C. (...) “Existem tantas maravilhas neste mundo, nenhuma delas porém maior do que o homem.</p> <p style="text-align: center;">FIM</p>
---	---